

Uma festa junina na casa de Bruno de Menezes

Rosa Assis

São João do folclore e manjericos... Este poema de Bruno de Menezes me fez recordar um prazeroso encontro entre amigos da UNAMA — Célia Jacob, Josse Fares, Paulo Nunes, João Carlos Pereira e eu, além de Mariana, filha de João Carlos, e mais Margarida e José Roberto, filhos de Dalcídio Jurandir —, na casa da família de Bruno, por ocasião das festas de São João deste ano. Aquele encontro e esse poema, inter-relacionados, resultaram nos comentários que se seguem.

À Rua João Diogo, 26, casa da família de Bruno de Menezes, estava montado um autêntico terreiro junino pelas mãos de fadas de suas filhas Maria de Belém e Rute. A ampla e aconchegante varanda da casa estava cheia do espírito e das coisas da época, e para tornar mais vivo o ambiente, não faltaram bandeirinhas de todas as cores enfeitando os quatro cantos da bela sala de jantar. Espalhadas pelos cordões das bandeirinhas estavam pequenas miniaturas de bois-bumbás. Estes pequenos bois de papelão dançavam com o vento soprado pela Baía de Guajará. Os móveis, todos antigos e bonitos, tinham suas portas adornadas por cuias, peneiras, patchuli, laços de fitas, formando naquele terreiro um conjunto harmônico e pitoresco. Não esqueceram as donas da casa o fundo musical: assim, uma antiga eletrola tocava em disco de vinil as músicas de **Quadrilhas e marchinhas juninas**, de Luiz Gonzaga. O cenário, como disse há pouco, era perfeito e aconchegante, tanto que não faltavam, entre todos nós, as exclamações e recordações do ontem junino que conhecemos na infância.

Sentamos à mesa, e lá estavam fartamente distribuídas nossas delícias da época: tapiocinha na manteiga, rosca de tapioca, bolo de milho, canjica, biscoito de Castanha-do-pará, mingau de milho. Tudo isso perfumado por um pé de catinga-de-mulata, cujo vaso de barro repousava elegantemente sobre uma das mesas, bem no centro da conversa, exalando doce, mas excitante perfume, que acabou nos contagiando. Foi inevitável — não resistimos àquele perfume suave, e começamos, espontaneamente, a tocar na plantinha, a cheirar e acariciar suas folhas. Quando nos despedimos da família, uma surpresa: Maria de Belém e Rute nos ofertavam pe-

quenos galhos da catinga-de-mulata. Desta forma, saímos da casa de Bruno cheirosos, alegres e satisfeitos.

Esse clima cheiroso me fez lembrar os sedutores banhos de cheiro-cheiroso, ou de felicidade, como queria Eneida (de Moraes), que tomávamos em minha casa, e que são lembrados nos versos do nosso poeta genuinamente paraoara: *banhos felizes, rescendendo a raízes raladas e trevos e priprioca*. Esta, uma raiz em forma de botão, com aroma inconfundível, e que em estado natural ou “misgalhada”, rescende, rescende, rescende. Já quando misturada artesanalmente com patchuli, macaca-poranga, japana, alecrim, pau-d’angola, cumaru, sândalo, manjericão, oriza, manjericão, ou simplesmente o *manjeirico* e tantas outras plantas perfumadas e afrodisíacas, se presta para os inesquecíveis banhos de cheiro-cheiroso, banhos quase sempre serenados a noite inteira, em infusão, nas tinas de madeira, mais tarde nas bacias de alumínio. Essas ervas e essa água, ou esse vinho verde de perfumes invadem nossa alma, penetram nosso corpo, *se grudam na pele da gente e vão passando pra dentro*, como bem sentiu e registrou Bruno de Menezes.

O fato é que as festas juninas ou joaninas (como preferia o poeta) são sempre muito comemoradas em nossos subúrbios, hoje muito menos do que ontem. Mas sempre há alguma manifestação: assim o mês de junho acaba sendo sinônimo de festa, de alegria, de foguetinhos, de fogueiras, enfim, de São João e seus folguedos:

Junho! Mês joanino do Santo Antônio de Lisboa!
do João Batista precursor,
do velho São Pedro chaveiro do céu.

São João remete também às capelinhas, estas um adorno simples colocado na cabeça de quem o vende e depois na cabeça de quem o compra. Não há idade para usá-las. São sempre bem-vindas *as capelinhas de São João*, sejam de “cravos, rosas ou manjericão”.

Santo Antônio, São João, São Pedro todos *santos juninos*, todos lembrando *fogueiras crepitan-*

tes, foguetinhos pipocantes. Santo Antônio, o santo do povo, o casamenteiro, o das adivinhações: é o amor perdido, é o amor traído, é o amor querido. Tudo se busca, e nesta magia entra as diferentes e curiosas adivinhações: do copo: *copos serenados das esperanças de noivado*; a da faca que perde a *virginidade da lâmina*, quando cravada na bananeira; a da água, cristalina e límpida, lavando tudo e conduzindo a sorte. É a sorte que, como num barco à deriva, é traçada pelos pingos das velas na *água dormida na bacia dos destinos*, sem contar os espelhos cobertos e recobertos para não serem vistos e nem refletirem as imagens do amanhã, ou os mistérios do futuro. Vive-se mais intensamente tudo isso no primeiro momento da quadra junina, nas vésperas do dia de Santo Antônio.

As ruas do subúrbio, geralmente as de terra batida, montam seus “currais” (ou arraiais) e se arrumam para esperar esses santos festeiros:

*São João dos terreiros suburbanos,
com mafuás nos currais enfeitados de palha de
açai*

Nas vésperas de São João e de São Pedro as quadri-
lhas bem ensaiadas dançam, os bois se apresentam sempre atraindo a atenção das multidões, que se impressionam com as toadas e com o gíngado da tropa:

- caboco riá!
- Sinhô diretô!
- Abre a porteira caboco!
- Já abri diretô!

E a caboclada gíngua e pula na frente do “Boi Fama”.

O fato é que todos participam desta festa popular, muitas vezes independentemente de classe ou condição social:

*São João dos moleques vadios e também dos
meninos ricos
já nascidos bacharéis — tudo correndo na rua
atrás das “bichas”, dos espanta-coiós”...*

“Passar a fogueira” é outra brincadeira, outra festa. Dela surgem os adotados “parentescos”, os “casamentos”, os “compadrios”, todos sempre abençoados, regidos e protegidos pelos santos. O ambiente de descontração e divertimento é comandado tanto pelos adultos quanto pelas crianças, estas em apertos de mãos e em risos anunciam a chegada da adoles-

cência, passando fogueira como namorados.

No poema **São João do folclore e manjeri-
cos ...** esta específica manifestação popular da qua-
dra junina não podia deixar de estar registrada, re-
presentada que já se faz pelas figuras do compadre,
do primo, da madrinha e da bênção, gostosamente
dita *bênça*. É o que se vê na estrofe abaixo:

- “São João disse...
- São Pedro confirmou...
- ... Meu compadre boa noite...
- ... Olhe lá meu primo...
- ... Minha madrinha sá bênça...

Há ainda os cordões de pássaros formando um verdadeiro canto operístico popular, bem ensaiado, cujas falas e cantos desfilam pelas ruas e desaparecem no meio do povo ou sobem aos céus e vão ao encontro dos *bojudos balões multicores*, completando o cenário colorido e alegre dessas noites de festas, folguedos e foguetes.

Bruno de Menezes não apenas descreve essas manifestações, mas as vive e sente, e tão profundamente, que até a alma do africano está aí, expressa pela figura ímpar de Pai Francisco, típico representante do povo negro, com suas mandingas, magias e macumbas, como se ressalta destes versos:

*Pai Francisco é o velho africano macumbeiro,
amancebado com a Catirina, cômico e paciente
do cordão!*

— *Um Carlitos sem bigodinho e cartolinha...*

Compondo ainda o quadro da festa, estão as comidas típicas da época: *os mungunzás, as canjicas, os mingaus bem do Norte, com leite de coco castanha e fubá* e as excitantes bebidas tão características: *o aluá, a tiborna, a gengibirra e a caninha imaculada com o rosário do engenho espumando* bem exploradas por Bruno. Era como se ele o Bruno, não esquecesse de nada, tudo está presente e fartamente colocado no poema também festeiro.

É oportuno também recordar que é nesta ocasião, mais do que em outras, que surgem as curas milagrosas; é quando a sabedoria popular fala mais alto, e a medicina caseira entra na dança da cura, no ritmo da festa, como já nos ensinavam nossos avós e como bem evoca o poeta:

*Ah! como o folclore revive na tua quadra
as nossas ingênuas crenças avoengas!*

— Os patações de cobre que dormiam no braseiro
para os “cortes” de **izipla** e suspensão de **espinhela**;

É lamentável que as festas juninas de hoje sejam bem diversas das de ontem, e esta sensação do desaparecimento de todas essas magias, crenças, vivências, experiências, brincadeiras, Bruno de Menezes sentiu e anteviu, tanto que, ao final do poema, ele relembra e lamenta:

Ah! São João dos meus quinze anos da Jaqueira,
quando fui chefe da maloca e as mulatas me viciavam.

...Por que não és mais o mesmo meu São João do passado?!

Para finalizar nossos comentários, queremos ressaltar que Bruno de Menezes era um homem do

povo, vivia no meio da gente simples e humilde do subúrbio, da estiva, da palhoça, da beira de rua, comungando com seus camaradas as alegrias, as tristezas, os anseios, ao mesmo tempo em que essa convivência cada vez mais fortalecia o material folclórico já presente em suas obras. Machado Coelho referindo-se a **Batuque**, comenta que *vamos lendo Bruno de Menezes e ao mesmo tempo pondo-nos em contacto com a atualidade das coisas, ouvindo a voz de nosso povo, apreciando a pinta dos ambientes caseiros, assistindo caboclos conduzirem mastros festivos, pretos velhos beberem cachaça, mulatas passarem fogueiras, pagés fumarem liamba...*

São João do folclore e manjericos... é, como constatamos, documento vivo de nosso folclore, de nossas tradições, não só pela riqueza de informações mas sobretudo pelos registros lingüísticos e afetivos dessas informações, sob forma poética da mais viva e espontânea poesia do nosso povo, “da língua errada do povo, da língua certa do povo” como queria Manuel Bandeira.

São João do folclore e manjericos...

Bruno de Menezes

Junho! Mês joanino do Santo Antônio de Lisboa,
do João Batista precursor,
do velho São Pedro chaveiro do céu.

Tua alegria é feita de fogueiras crepitantes,
de crespas rodinhas estreladas,
de foguetinhos pipocantes,
de bojudos balões multicores,
de toda essa alegria luminosa e aparente.

Teus cordões de bumbás,
de bichos folieiros com caçadores e pajés
de compadrescos e afilhadismos
vêm dos terreiros da Casa Grande,
quando o escravo deixava o eito
e aparecia a divertir os Senhores lusitanos.

Ah! como o folclore revive na tua quadra
as nossas ingênuas crenças avoengas!
— Os patações de cobre que dormiam no braseiro
para os “cortes” de **izipla** e suspensão de **espinhela**;
os cortinados de cama e igrejas de claras de ovo

nos copos serenados das esperanças de noivado;

a lâmina da faca virgem
cravada na inocente bananeira sem culpa;
o espelho de água dormida na bacia dos destinos,
até os cântaros de ir à fonte partidos pelo Santo
às mãos das saloias ramalhudas.

Os “mangericos” as guiterradas os “ferrinhos”...

Tuas bebidas meio-índio africanas:
— o aluá a tiborna a gengibirra,
a “caninha imaculada” com o rosário do engenho
espumando...

Os mungunzás, as canjicas bolindo,
os mingaus bem do Norte,
com leite de coco castanha e fubá.

— “caboclo riá!
— Sinho diretô!
— Abre a portera caboco!

— Já abri diretô!

E a caboclada ginga e pula na frente do “Boi de Gama”!

Pai Francisco é o velho africano macumbeiro, amancebado com Catirina, cômido e paciente do cordão!

— Um Carlitos sem bigodinho e cartolinha...
O amo é a soberbia mestiça do feitor discricionário que manda nos vaqueiros na maloca inteira, que foi batizada pelo Padre Anchieta.

São João das capelinhas, dos banhos felizes, rescendendo a raízes e trevos e priprioica, dos cheiros cheirosos que se grudam na pele da gente e vão passando pra dentro.

São João dos terreiros suburbanos, com mafuás nos currais enfeitados de palhas de açaf. São João do tempo do “Pé-de-bola”, do maranhense

Golemada,
do meu padrinho Miguel Arcanjo.
São João dos moleques vadios e também dos meninos ricos

— Já nascidos bacharéis — tudo correndo na rua atrás das “bichas”, dos “espanta-coiós”...

— São João disse...

— São Pedro confirmou...

— Meu compadre boa noite...

— Olhe lá meu primo...

— Minha madrinha sá bença...”

Ah! São João dos meus quinze anos da Jaqueira, quando fui chefe de maloca e as mulatas me viciavam ... Por que não és o mesmo meu São João do passado?!

* Rosa Assis é doutora em Língua Portuguesa e professora do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA